

**Francisco Paulo de Almeida — Barão de Guaraciaba:
Biografia de um negro no Brasil Império**

Carlos Alberto Dias Ferreira¹

Resumo:

Francisco Paulo de Almeida, negro, foi ferreiro, ourives e tropeiro, tornou-se empresário, capitalista, dono de fazendas no Vale do Paraíba-RJ, séc. XIX. Foi provedor da Santa Casa de Valença-RJ, teve casas na Corte, foi dono do Palácio Amarelo em Petrópolis-RJ, recebeu o título de nobreza em 1887 e nada consta sobre ele na historiografia “oficial”.

Palavras Chaves: negro, tropeiro, compadrio.

Summary:

Francisco Paulo de Almeida, black, was blacksmith, silversmith and mantroop, became entrepreneur, capitalist, owner of farms in the Valley of the Paraíba-RJ, séc. XIX. It was supplier of the Casa Saint of Valença-RJ, had houses in the Cut, he was owner of the Yellow Palace in Petrópolis-RJ, received the heading from nobility in 1887 and nothing it consists on it in “the official” historiografia.

Key-word: black, mantroop, godfather.

Francisco Paulo de Almeida, conforme Certidão de Batismo nasceu em Lagoa Dourada – MG, no dia 10 (dez) de janeiro de 1826, filho legítimo de Antonio José de Almeida e Palolina, entretanto, em sua minuta de inventário ele afirma ser filho legítimo de Dona Galdina Alberta do Espírito Santo. Neste sentido, podemos perceber que de algum modo ele renega parte da sua origem.

Negro retinto, não se confundindo com o ‘pardo’ e o mulato, conforme verificado nas fotografias de família casou-se com Dona Brasília Eugenia da Silva Almeida, mulher branca, com quem teve 18 (dezoito) filhos

Francisco Paulo de Almeida inicia sua vida profissional como ferreiro, ourives e posteriormente tropeiro. Ainda não temos informações e dados sobre esse período, porém, os indícios sugerem que esta opção se explique pela exploração aurífera e pelas passagens de tropas que abrangia a localidade de seu nascimento, e suas adjacências — Lagoa Dourada, São João Del Rei, Tiradentes, Prados, etc.

Apesar de sua condição humilde, seu domínio na arte musical, através do violino, e sua facilidade para com o idioma Francês, nos dão indícios de que o biografado tenha

¹ Mestrando em História na Universidade Severino Sombra

2

adquirido uma educação aprimorada e diferenciada dos padrões disponíveis para as pessoas de baixa renda no século XIX.

Percebe-se, assim, que escrever biografia não é tarefa das mais fáceis, nem bem começamos a escrever e já falamos e pesquisamos vários Franciscos Paulo de Almeida — homem, negro, pai, marido, nobre e trabalhador —, com suas subjetividades e identidades. A esse respeito, Hall relata:

“O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas²”.

Retornando ao personagem, mais tarde ele vai se dedicar ao negócio de tropas concentrando suas viagens de Minas Gerais através da Estrada Geral que passava por Valença. No Brasil, principalmente após a vinda da família Real, duas atividades assumem posições estratégicas nas relações de sociabilidade — os Tropeiros e os Caixeiros Viajantes — pelas circunstâncias da atividade, que exigia um deslocamento permanente, contato com pessoas de diversas classes sociais, transmissão das notícias e dos acontecimentos da Corte e o contato com as fazendas e, principalmente, com os fazendeiros do interior, aonde em alguns casos, chegava-se a ter um relacionamento quase ‘familiar’.

A atividade das tropas muito contribuiu para a abertura de caminhos, ligando o interior ao litoral e ao centro do país. Além disso, transformaram tropeiros em grandes fazendeiros, chegando alguns a receber título nobiliárquico, como será o caso de Francisco Paulo de Almeida. Desconheço se algum outro negro, na mesma situação que a dele, recebeu tais honrarias, porém, para não mitificarmos nosso personagem é preciso destacar outros tantos homens conseguiram burlar e transcender os limites sociais da época, entre eles:

“Um exemplo ilustrativo dessa situação é o de Domingos Custódio Guimarães, mineiro de São João Del Rey e futuro Visconde do Rio Preto, no Segundo Reinado. Nos anos 20, formou uma sociedade — Mesquita & Guimarães — com o conhecido comerciante, também mineiro, José Francisco de Mesquita, futuro Marquês do Bonfim. Sua firma fazia descer de Minas grandes rebanhos de gado destinados ao consumo da Corte. A organização das compras e remessas ficava a cargo de seu sobrinho, José Cândido Guimarães, que era seu agente de gado e proprietário na região do Rio Preto³”.

Dá mesma forma que Custódio Guimarães, Francisco Paulo de Almeida passa, na segunda metade dos oitocentos, da condição de ferreiro para a de Fazendeiro, ocorrida graças aos conhecimentos e acúmulo de capital com o abastecimento de gêneros para o Rio de Janeiro, obtidos na sua antiga profissão, adquirindo a propriedade no arraial de São Sebastião

² HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós modernidade* / Stuart Hall; tradução Tomaz da Silva, Guaracira Lopes Louro — 11. ed. — Rio de Janeiro: DP&A, 2006, p. 13.

³ LENHARO, Alcir. *As Tropas da Moderação: o abastecimento da Corte na formação política do Brasil, 1808-1842*. São Paulo: Símbolo, 1979, p. 76

3

do Rio Bonito, Santo Antônio do Rio Bonito e Veneza, todas na freguesia de Valença – RJ; Santa Fé em Mar de Espanha – MG; Boavista em Paraíba do Sul – RJ e Três Barras em Três Rios – RJ. Na República adquiriu a fazenda do Pocinho, localizada entre os municípios de Vassouras e Barra do Piraí – RJ.

Neste texto, procuramos caracterizar a prática de compadrio adotada, com base no relato de Silva⁴ e no inventário da viscondessa de Jaguari, onde deixa parte de sua herança para o filho do barão, seu afilhado, por Francisco Paulo de Almeida, buscando refletir sobre seus significados e apontando as relações de poder ali presentes. Nesse sentido é importante ressaltar que através do visconde de Jaguari e do comendador Domingos Teodoro de Azevedo, o biografado será inserido, em 1882, no mundo das Irmandades, nas negociações capitalistas e empresariais.

Ildefonso (barão de Jaguari) teve grande ascensão política no Império, nesse sentido, a relação de compadrio com Francisco Paulo de Almeida, que teve grande ascensão econômica, em parte, facilitada pela infiltração social permitida pela rede de sociabilidade por ele construída, supõe condições sociais não muito dispare, pois “O compadrio estabelecia um vínculo de mão dupla⁵”. Dando acesso a redes sociais para alguns e ajuda financeira para outros. “Nesse sentido, é interessante destacar que o compadrio vinculava não apenas indivíduos, mas famílias. E isso era válido para os dois pólos da relação: tanto o padrinho passava a se relacionar com os parentes dos afilhados como estes se inseriam na parentela daquele⁶”.

No ano de 1870, Francisco Paulo de Almeida inicia-se como empresário, dedicando-se à importação e exportação. Seu estabelecimento esteve funcionando na antiga Rua Bragança, 31 na Corte, em sociedade com o fazendeiro e Capitão da Guarda Nacional da Legião de Valença Domingos José da Silva Nogueira, E Domiciano Ferreira Souto, dono da fazenda Cachoeira, todos da freguesia de Valença – RJ e mais adiante, em 1890:

“Julho 30 Sôb a denominação de “Companhia Agrícola Industrial Mineira”, está sendo incorporada pelo Banco Territorial e Mercantil de Minas, uma companhia agrícola com o capital de dez mil contos. São Incorporadores, o Visconde de Monte Mário, barão de Guaraciaba, Visconde de Moraes, Domingos Teodoro de Azevedo e Carlos Justiniano das Chagas. Á Cia vai adquirir as seguintes fazendas: Santa Fé, Piracema, Piedade,

⁴ SILVA, Pedro Gomes da. *Capítulos de História de Paraíba do Sul*. Rio de Janeiro: Cia. Brasileira de Artes Gráficas, 1991.

⁵ CARVALHO, José Murilo de. In: ____ (Org.). BRÜGGER, Silvia Maria Jardim. *Escolhas de padrinhos e relações de poder: uma análise do compadrio em São João Del Rei (1736-1850). Nação e cidadania no Império: novos horizontes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, P. 338).

⁶ Idem, p. 332.

Passo da Pátria, Aliança, Fundão, Palmital, Bom Jardim, Sobrado, Pedra Azul e Venesa⁷⁰.

A liderança política, no século XIX, era, na maioria das vezes ou quase sempre, formada por um grupo heterogêneo, constituída por um pequeno mais influente segmento de fazendeiros. Numericamente insignificantes, os fazendeiros e seus parentes dominavam cada paróquia efetivamente através das eleições. Entre os fazendeiros, algumas famílias ou clãs exerciam um papel dominante nos negócios dos municípios.

Francisco Paulo de Almeida parece se inserir nesse quadro de relações e sociabilidades, buscando e construindo espaços nas relações sociais e políticas, associando-se a Marcelino de Brito Ferreira de Andrade (visconde de Monte Mário), rico fazendeiro de café em Juiz de Fora, coronel da Guarda Nacional, rico empresário, fundador do Banco de Crédito Real de Minas Gerais e vereador em Juiz de Fora; José Júlio Pereira de Moraes (1.º Visconde de Moraes), fidalgo da Casa Real (28.2.1891), grã-cruz da Ordem de Cristo e do Mérito Industrial, Comendador da Ordem da Rosa (do Brasil), presidente do gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro e de beneficência Portuguesa, da mesma cidade, tendo-o também sido da grande comissão Pró-Pátria, grande industrial, negociante e filantropo e, durante muitos anos, chefe da colônia portuguesa na capital do Brasil; Comendador Domingos Teodoro de Azevedo Júnior, genro do visconde de Rio Preto, membro da Irmandade da Santa Casa e, Carlos Justiniano das Chagas, político, assinou a 1ª Constituição republicana (1891).

Ressaltamos a importância social e política do pertencimento dos indivíduos a uma Irmandade, mais notoriamente no século XIX, assim, com seu ingresso na Irmandade, Francisco Paulo de Almeida, além de ter destacada sua participação social, aumenta sua teia através dos contatos e convívios políticos, inerentes ao cargo de destaque que ocupava na Irmandade, fora isso, tem as portas abertas e facilitadas na elite da cidade e com os nobres da Corte que pertenciam ou prestigiavam as Irmandades.

No período compreendido entre 1879 e 1883, no qual Ildefonso consta como Provedor da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, Francisco Paulo de Almeida inicia-se na Irmandade, sendo eleito para o biênio 1882-1884, da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Valença-RJ. Coincidentemente, Ildefonso consta como fundador, conforme a Ata de Fundação da Irmandade da Santa Casa de Valença, datada de 02 de julho de 1838, além de ter sido Presidente da Câmara Municipal de 1841 a 1844 e exercer o cargo de Provedor da Irmandade de Valença de 1845 a 1848. Além disso, ele entra para ocupar o cargo deixado pelo seu sócio comendador Domingos Teodoro de Azevedo Junior (1880-1882).

Este prestígio adquirido pelo ingresso na Irmandade agregado a sua ocupação no cargo de Provedor da mesma, e o incentivo proporcionado por D. Pedro II aos seus membros e benfeitores, conforme descrito anteriormente forma um dos objetos facilitadores para seu ingresso na nobreza brasileira.

O título de barão de Guaraciaba foi concedido a Francisco Paulo de Almeida no dia 16 de setembro de 1887 por merecimento e dignidade, por decreto em carta régia, assinada por S. A. Imperial, a Princesa Isabel, na ausência do seu Augusto pai S. S.D. Pedro II, referendado pelo Ministro de Estado dos Negócios do Império, deputado Manuel do Nascimento Machado Portela.

A concessão de títulos representou o reconhecimento da importância de Francisco Paulo de Almeida no seu grupo social, suficientemente prestigioso para figurar ao lado daqueles reduzidos outros (fazendeiros, políticos, principalmente, e mais financistas, banqueiros, comerciantes e, em menor escala, médicos, professores e escritores, membros do corpo diplomático, oficiais do exército e marinha), formadores da nobreza brasileira.

O barão de Guaraciaba, além de possuidor de diversas fazendas e negócios, possuiu uma casa na Tijuca, localizada a Rua Moura Brito n° 24, este imóvel foi demolido por ocasião do alargamento da rua Conde de Bonfim.

No período de construção das estradas de ferro, doou terras para a passagem dos trilhos, sendo, inclusive, homenageado com uma estação, com o seu nome Francisco Paulo de Almeida, localizada nas terras da fazenda Veneza em Valença – RJ. Este prestígio para a construção da Estrada de Ferro Santa Isabel do Rio Preto (depois Rede Mineira de Viação), cujos trilhos atravessavam as terras de sua propriedade, tratava-se informalmente de uma sociedade, considerando o número de ações discriminadas no inventário da baronesa de Guaraciaba. A inauguração da linha deu-se em 21 de novembro de 1883 com a presença do Barão e de S. M. SR. D. Pedro II.

Petrópolis, na época do Império, era o local de preferência para a construção de casas de verão, considerada Cidade Imperial, os nobres e pessoas de posse transformaram a Cidade em local de veraneio. Assim ocorreu com José Carlos Mayrink da Silva Ferrão, servidor da Casa Imperial, que adquiriu terreno na vizinhança do Palácio Imperial e constrói um solar que passará para a história como uma das mais pitorescas e elegantes residências de Petrópolis na segunda metade do século XIX, denominada Palácio Amarelo.

⁷ EEemérides de Juiz de Fora – por Antônio Armando Pereira – n° 65, ANO DE 1890. Republicação na Gazeta Comercial, ANO XXXII, Juiz de Fora –quinta-feira, 25 DE AGOSTO DE 1956.

Após o falecimento de José Carlos Mayrink da Silva Ferrão, a viúva, Maria Emília Bernardes Mayrink, vende o solar em 13 de fevereiro de 1891 para Francisco Paulo de Almeida, que mesmo após o advento da República continuava a ser tratado como Barão de Guaraciaba, conforme se constata na informação anterior do Jornal de Juiz de Fora, publicado no ano de 1890.

Desde sua formação, a Câmara Municipal de Petrópolis tinha a intenção de adquirir um imóvel para instalar nele o Paço Municipal e, por motivos ainda não esclarecidos pelas fontes, resolvem que o Palácio Amarelo será o local para as suas instalações.

O legislativo faz uma proposta à Francisco Paulo de Almeida que a recusa prontamente, recusa que sugere, inclusive nesse embate de forças, não só poder para se colocar contra a proposta, como resistência ao poder instituído. Lembro que em 17 de junho de 1891, quatro meses após a aquisição do Palácio pelo Barão, a municipalidade - que no período em que Mayrink era proprietário, nunca havia manifestado sua intenção de adquirir o imóvel - autoriza o Dr. Antônio Neves da Rocha e o arquiteto Achem Naval a constituírem e explorarem no terreno onde hoje se localiza a Praça Visconde Mauá, um mercado público para abastecimento da cidade.

O projeto do mercado fracassou, porém a Câmara não se deu por vencida e, em 15 de novembro do mesmo ano negociava com M. de Teelie a instalação de um “*kursal*” no mesmo local. A palavra correta é “*Kursaal*” que corresponde a um edifício para congressos e exposições. O que se deduz é que o Legislativo tinha a intenção de pôr a prova não só a paciência do Barão de Guaraciaba, como também testar sua força nesse embate, porém este projeto, também, não vingou.

Tendo fracassado suas estratégias para obtenção do imóvel, a Câmara resolve abalar de vez as convicções do Barão e, através do vereador José Tavares Guerra, apresenta um projeto de Lei que autorizava empréstimos para a construção, no terreno em frente ao Palácio, do novo Paço Municipal.

O projeto é imediatamente aprovado sendo sancionado pela Resolução número 25 de 10 de abril de 1894 e, já no dia 14 de abril do mesmo ano, a *Gazeta de Petrópolis* publicava edital abrindo concorrência para a construção do edifício. As propostas seriam recebidas no dia 17 de maio, às 13 horas, estando as plantas, condições da obra e bases de orçamento à disposição da Câmara.

Nessa relação de força e de poder, a iniciativa da Câmara, de fato, consegue abalar e esmorecer o posicionamento do Barão de Guaraciaba, a ponto dele mesmo propor, no dia 11

7

de junho de 1894, a venda de seu Palácio. O que ocorre é que com a aprovação da construção de um prédio no terreno em frente ao Palácio, tiraria todo o glamour e esplendor que o mesmo representava, deixando de ter sentido a sua posse.

No dia 05 de julho de 1894, Barão de Guaraciaba e o Presidente do Poder Legislativo, vereador Hermogênio Silva e o tabelião Gabriel José Pereira Bastos, lavraram a escritura do terreno localizado nos prazos de terra da Fazenda de Petrópolis de números 127, 128 e 129, fazendo testada para a Praça Visconde de Mauá e formando uma superfície de 1.275 braças quadradas.

A resolução de número 27 da Câmara Municipal dava autorização à administração pública de adquirir o imóvel, autorizando o empréstimo da ordem de 160:000\$000 (cento e sessenta contos de réis).

Francisco Paulo de Almeida acostumado a transpor vários empecilhos, mas não todos, vêm a conhecer, na República, a Força do Estado, de um outro Estado. A partir de então, outras batalhas se constituiriam, novas relações de poder se conformariam, ou seja, isso nos lembra que:

“[...] que o poder não se dá, não se troca nem se retoma, mas se exerce, só existe em ação, como também da afirmação que o poder não é principalmente manutenção e reprodução das relações econômicas, mas acima de tudo uma relação de força⁸”.

O Barão de Guaraciaba, pelos fatos percebidos, tinha uma visão aguçada de seu tempo, das relações próprias de sua sociedade e dos atributos que o indivíduo necessitava para nela estar e transitar. Nesta sociedade, além do poder econômico, para se situar, para estar, para se manter e para se relacionar com a sociedade, era preciso se preocupar com a instrução. Por isso, suas filhas, além do programa de estudos preconizado pela Lei Nacional de 15 de outubro de 1827, que instituiu a instrução pública para meninas em todo o Império brasileiro (leitura, escrita, quatro operações de aritmética, gramática de língua nacional, os princípios da moral cristã e de doutrina da religião católica, apostólica e romana, bem como as prendas que servem à economia doméstica), estudaram piano, o segundo instrumento de sua devoção. Os filhos foram enviados para estudar na França (Paris).

Nos últimos anos de sua vida, viajou constantemente para Paris. Faleceu em 09 de fevereiro de 1901, na casa de sua filha Adelina, situada à Rua Silveira Martins, 81, foi sepultado no Cemitério São João Batista longe da Baronesa que foi sepultada no Cemitério de Bemposta, distrito de Três Rios–RJ. Em vida, desfez-se de quase todos os seus bens, deixando

⁸ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. (org. e trad.) Roberto Machado – Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

de herança a fazenda Pocinho e a fazenda Santa Fé para suas filhas e para os homens deixou dinheiro em espécie.

No transcorrer deste texto, procurei dar algumas informações sobre a trajetória de Francisco Paulo de Almeida, indícios da formação de sua rede de sociabilidade e suas relações de poder, manifestamos a hipótese do discurso cujo objetivo é o de deixar uma mensagem para alguém, classe ou sociedade, desta forma, consideramos que o ostracismo detenha as mesmas características e que ambos, tanto o discurso quanto o silêncio, sejam um exercício de poder.

BIBLIOGRAFIA:

CARVALHO, J. M. de. In: _____ (Org.). BRÜGGER, S. M. J.. *Escolhas de padrinhos e relações de poder: uma análise do compadrio em São João Del Rei (1736-1850). Nação e cidadania no Império: novos horizontes*. R. J: Civ. Bras., 2007, P. 339.

COIMBRA, L. O. *Filantropia e racionalidade empresarial (a Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro de 1850 a 1920)*. Rev. R. J. Niterói, 1, nº 3, p. 41-51, mai/ago. 1986. (BCOC).

COSTA, E M. A. de. *A Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Valença (1838-1889)*. Vassouras-RJ: Dissertação na USS, 1997, p. 18-19.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. (org. e trad.) Roberto Machado – R. J.: Ed. Graal, 1979.

GUAZZELLI, C. A. B.; PETEREN, S. R. F.; SCHMIDT, B. B. e XAVIER, R. C. L. In: _____. (Orgs.). SCHMIDT, B. B. *A biografia histórica: o “retorno” do gênero e a noção de “contexto”*. *Questões da teoria e metodologia da história*. P. A.: Ed. Univ./UFRGS, 2000: 121-129.

HALL, S. *A identidade cultural na pós modernidade*/S. Hall; trad. Tomaz da S., Guaracira L. L. 11. ed. R. J.: DP&A, 2006, p. 13.

LENHARO, Alcir. *As Tropas da Moderação: o abastecimento da Corte na formação política do Brasil, 1808-1842*. São Paulo: Símbolo, 1979.

MACHADO, R. Por uma genealogia do poder. In FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. Org. e Trad. De Roberto M. R. J.: Ed. Graal, 1979, XIV.

PINTO FILHO, M. B. *A história de Três Rios e de seus vultos importantes, 1853 – 1882*. R. J.: Netuno, 1992, 143-144.

SILVA, P. G. da. *Capítulos de História de Paraíba do Sul*. R. J.: Cia. Bras. de Artes Gráficas, 1991.